

## A UNIVERSIDADE E O DESAFIO DA ARTE NA EDUCAÇÃO

Teresinha Rosa Cruz\*

Tanto no Brasil, como na maioria dos países do mundo ocidental, as artes nas escolas estão longe de alcançar o prestígio das demais disciplinas que compõem os currículos do ensino de 1ª e 2ª graus. Constatase tal fenômeno, em primeiro lugar, quando se verifica o número de horas destinado às atividades artísticas, a escassez de materiais, a ausência de ambiente próprio; em segundo lugar, quando a maioria dos professores, diretores, administradores, de modo geral, acolhem, com incompreensão, indiferença, má vontade, as atividades artísticas, utilizando-as, quase sempre, como meio de ocupar alunos quando falta o professor de outra disciplina, ou mesmo com o objetivo de auxílio a outras áreas do currículo, ou ainda para animar as festas comemorativas das datas nacionais.

Não se pode, de fato, censurar tais atitudes, vez que a arte, embora presente na nossa educação formal desde o início do século, não tem sido tradicionalmente considerada componente fundamental nem como disciplina, nem como atividade, na formação geral do homem brasileiro.

O significado da arte na educação tem se renovado à medida em que as idéias no campo da Filosofia, Sociologia, Antropologia, Psicologia, Comunicação e Arte se equacionam com as correntes pedagógicas que se sucedem, alcançando, nos meios mais desenvolvidos, uma perspectiva bastante avançada, sem conseguir, todavia, alcançar a grande massa de educadores e, muito menos, a sociedade como um todo.

\* Professora das disciplinas Fundamentos da Arte na Educação e Didática da Faculdade de Educação/UnB.

Dick Field<sup>1</sup> e Francesco<sup>2</sup>, ao abordarem o problema em seus respectivos países (Inglaterra e Estados Unidos), afirmam que tem havido sensível mudança quanto à influência da arte no contexto da educação geral. Todavia, concordam em que, apesar da extensa bibliografia, de excelentes experiências e grande movimento renovador com supervisão e orientação sistemáticas, ainda existem divergências teóricas e de procedimentos, agravadas pela deficiência do sistema de comunicação e de pesquisas que elucidem os pontos polêmicos e descortinem novas metodologias.

Estamos ainda bastante distantes do avanço desses dois países em matéria de arte-educação, porquanto, aqui, mais do que lá, os termos arte e educação não têm tido o cenário adequado à sua conjunção, vez que, tanto a arte como a educação sofrem influências de injunções do meio, não adequadas aos princípios que lhes são comuns, isto é, arte e educação como instrumento de desenvolver o pensar, o sentir e o fazer no trato com a realidade.

Embora tenhamos dado um enorme salto com a obrigatoriedade da Educação Artística (Artigo 7º da Lei nº 5692/71) para o ensino de 1ª e 2ª graus, existe uma lacuna entre essa obrigatoriedade e a situação real da grande massa de estudantes para um pequeno número de arte-educadores capazes de responderem ao grande desafio trazido pela Lei. Era e ainda é restrito o número das pessoas que tinham e têm, realmente, condições de responder ao significado da arte na educação. Os primeiros especialistas surgidos foram formados pela Escolinha de Arte do Brasil, criada por Augusto Rodrigues, em 1948, e integrada ao movi-

<sup>1</sup> FIELD, Dick. *Changing in Arte Education*. London, Routledge & Kegan Paul, 1970. p. 02.

<sup>2</sup> FRANCESCO, Italo L. de. *Art Education: its means and ends*. New York, Harper & Row Publishers, 1959.

mento internacional de arte-educação surgido na Europa, com o objetivo de disseminar as novas e revolucionárias idéias sobre a arte das crianças. A Escolinha de Arte do Brasil foi, realmente, a "célula mater" da arte na educação brasileira. Lá formaram-se professores (brasileiros e também latino-americanos) que, ao regressarem a seus estados de origem, fundaram suas Escolinhas de Arte nos mesmos moldes da do Rio de Janeiro.

Naturalmente, esses educadores, como outros que também ensaiavam experiências em teatro e educação musical fora, mas em sintonia com a Escolinha, puderam, de alguma forma, preparar o terreno para a obrigatoriedade que veio em 1971. Já havia um clima propício para essa obrigatoriedade, clima esse que salvaguardou, em princípio, a idéia original, apesar do total despreparo dos sistemas oficiais para implantá-la e da ausência, com algumas exceções, de cursos universitários de artes, com professores que entendessem da especialidade para atuar na formação de arte-educadores.

Embora existissem os especialistas formados pela Escolinha de Arte do Brasil, grande parte deles não pôde ser aproveitada pelas universidades. O quadro era mais ou menos este:

- a) Um grande número desses professores não possuía curso superior.
- b) Anteriormente à Lei nº 5692/71, não existiam cursos de Licenciatura em Educação Artística. Dentre os que atualmente existem, poucos têm as quatro habilitações.
- c) Os cursos de Licenciatura em Desenho e Plástica e em Música não se pautavam nos modernos princípios da arte-educação.
- d) Não existiam cursos de Teatro e Dança com as respectivas licenciaturas.
- e) Não havia, no país, cursos de pós-graduação na área, através dos quais especialistas em Desenho, Música, Artes Plásticas, Letras e mesmo Comunicação e Pedagogia pudessem se preparar para a for-

mação de arte-educadores e para o desenvolvimento de pesquisas na área.

- f) A bibliografia era mínima (e ainda é), sendo necessário recorrer quase que, exclusivamente, à estrangeira, nunca acessível a todos pelo custo e pela dificuldade de importação.

Tal situação refletia, de fato, o estado cultural que a obrigatoriedade da Educação Artística encontrou: um país com mais de vinte milhões de crianças e jovens para exercerem atividades para as quais não havia especialistas preparados. É verdade que a Lei estabelecia a necessidade de ser implantada gradativamente. Porém, essa gradatividade não podia mesmo ocorrer dentro da perspectiva de uma implantação com recursos humanos previamente preparados. A verdade é que ela aconteceu com professores das mais diversas áreas: Matemática, Letras, Educação Física, Geografia, História. Era preciso cumprir a Lei, mas como fazê-lo sem a colaboração dos centros de formação de professores?

Conquanto o país aparentemente demonstrasse maturidade cultural com a extensão da Educação Artística a todas as crianças e jovens, e embora os antigos batalhadores da causa arte-educação exultassem com a medida, o dispositivo legal por si só não resolveu o problema da qualidade na extensividade, porque realmente as universidades também não estavam preparadas para formarem arte-educadores com a necessária presteza e dentro dos princípios artístico-pedagógicos que a arte-educação exige.

O que ocorreu, logo a seguir, foram os cursos de treinamento organizados pelas Secretarias de Educação em convênio com universidades, órgãos públicos, Escolinha de Arte do Brasil, Serviço Nacional de Teatro e outros, a fim de poder cumprir a determinação de uma obrigatoriedade reconhecidamente sábia, mas, ao mesmo tempo bastante incômoda, dada a precariedade de recursos humanos existentes.

Uma grande dificuldade reforçou tal estado de coisas: a falta de integração das universidades com o ensino do 1º e, principalmente, do 2º grau, por efeito mesmo das constantes reformas por que passou o ensino

brasileiro. Até muito recentemente as universidades não se entrosavam com os sistemas de ensino, no sentido de uma interação sistêmica mais efetiva. A verdade é que a concepção de que a qualidade do professor é fator decisivo para a melhoria do ensino de qualquer grau não foi encarada com a necessária seriedade, embora tal concepção estivesse sempre no discurso do meio universitário. Porém, o que afirmamos, categoricamente, é que, se as universidades tivessem sido desafiadas ao compromisso com a realidade surgida com a Lei nº 5692/71, seguramente teríamos, hoje, outro quadro para a Educação em todos os seus graus.

Quanto ao panorama da arte-educação, a situação é realmente caótica. Na maioria das universidades e faculdades isoladas predominam professores-artistas (dos cursos de graduação em artes) que se opõem à filosofia da arte-educação por a desconhecem, criando obstáculos ao seu desenvolvimento, mantendo a mentalidade da arte para a burguesia e, naturalmente, opondo-se à democratização das atividades artísticas sob o pretexto da excelência não poder estar ao alcance de todos.

São poucas as unidades em que artistas, arte-educadores e comunicadores se entendem sobre a importância da arte na formação do homem e, conseqüentemente, como fator determinante da sua cultura. Este é um fato de muitíssima relevância, porquanto, após o impacto da obrigatoriedade das artes na educação nos centros universitários, os professores, atordoados com a incursão de novas idéias no seu meio, refazem-se e passam a reagir, retirando, a cada dia, as conquistas que os arte-educadores conseguiram introduzir no meio, através do currículo de Educação Artística, conduzindo o processo, passo a passo, ao academicismo que tem governado as Escolas de Arte e os Conservatórios de Música desde o século passado. Enfim, são poucos os arte-educadores que participam dos cursos de Licenciatura em Educação Artística. O número é pouco expressivo para mudar a situação.

É freqüente a reclamação que temos ouvido de professores desses cursos, tanto de universidades como de faculdades isoladas, quanto ao sistema de separarem, em turmas distintas, alunos de arte e de educação artística em disciplinas que lhes são comuns, por julgarem não carece-

rem estes últimos de uma formação mais técnica. Da mesma forma, em universidades e conservatórios de Música, a resistência da maioria dos professores de Música ao curso de Educação Artística já se torna proverbial, pois não podem aceitar uma perspectiva de educação musical voltada para a realidade cultural, onde a música popular predomina.

Outro fator que afeta a arte-educação e a arte de modo geral, é não estarem elas incluídas dentro das áreas prioritárias em matéria de concessão de recursos para pesquisa. A perspectiva econômica que está dirigindo o pensamento científico coloca em último plano as atividades pouco lucrativas, sem retorno imediato, mesmo estando bem visível, o que se tem alcançado em termos de cinema, música, televisão, arquitetura e literatura neste país.

No ensino de 1ª e 2ª graus, a situação também não é favorável, porquanto persevera uma mentalidade de treinamento, ou do manipular técnicas de arte, representar peças prontas, aprender instrumentos, enfim, treinar para a pura e simples representação, sem nenhuma abertura para a expressão criadora, em conformidade absoluta com a mentalidade que predomina em grande parte dos centros formadores de professores.

Não poderia ser de outra forma, dada a tradição que vem definindo um processo burguês e elitista de conceber a arte. Esta é a razão pela qual tão poucos artistas saem do ensino formal. Esse processo repercute, desastrosamente, nas escolas. Infelizmente, são poucos os professores que conhecem o significado do termo "Arte-Educação" e os que não se colocam em posição de defesa ante as inovações, mormente aquelas que se fundam na revitalização do humanismo.

A solução do problema seria uma ação em cadeia. Parece óbvia porque, preparando professores universitários, poderemos formar professores; formando professores para o ensino de 1ª e 2ª graus, a situação estaria resolvida.

Porém, a realidade é bem outra. Existem entraves de toda a sorte (culturais, burocráticos, políticos, econômicos, legais e até pessoais), que

têm retardado esse processo porque, justamente, a chave está no professor universitário. Uma vez que é ele a pessoa legalizada para formar professores para atuarem nas escolas, nada mais poder-se-ia esperar desse docente de nível superior, necessariamente entrosado com a realidade educacional, que preparar arte-educadores com capacidade de compreender o fenômeno da arte como produto, como processo, e do ponto de vista daquele que faz a arte, seja ele criança, adolescente ou adulto. A abertura das idéias para o mundo de amanhã, a sensibilidade para compreender o papel da arte-educação na formação do homem desse amanhã, a capacidade de penetrar no mundo da arte com flexibilidade, não se conseguem com cursos de treinamento. É necessário desempenhar a arte e conhecer a arte por si mesma e como instrumento de integração do indivíduo consigo mesmo, com a sociedade e com o meio ambiente, transformando-a em instrumento de inserção na realidade, dimensionando-se nesse diálogo com a vida para expressar o seu discurso artístico. Para que isso se torne objetivo da formação de arte-educadores, é fundamental um interesse maior das universidades pelo problema nas suas funções de ensino, pesquisa e extensão, colaborando não só com a educação oficial e particular no sentido de produzir conhecimento na área, como no de estendê-los à comunidade.

Como afirmamos, a situação não é fácil. Afinal, romper com uma tradição, quatro vezes secular, de uma concepção de arte, de domínio exclusivo de uma classe especial de homens, para transformá-la, de repente, numa concepção de que "todo homem é uma classe especial de artista" segundo Erick Gill,<sup>3</sup> é mesmo uma revolução que não agrada, principalmente àqueles que se enquadram na primeira concepção.

Além desse reduto da erudição artística que entrava o problema, há ainda o lado oposto que, a nosso ver, é tão ou, senão, mais prejudicial ao processo. Veio como consequência da expansão desenfreada dos cursos de Educação Artística. A iniciativa de abertura desses cursos, em face da emergente necessidade de professores, é razoável. Todavia, nem sempre esses cursos primam pela qualidade, por razões diversas:

- a) falta de professores realmente capazes para atender aos princípios inovadores da arte na educação. A maioria dos que conhecemos nunca ouviram falar em Escolinha de Arte do Brasil, o que demonstra a distância em que se encontram em relação à arte-educação;
- b) aqueles mais qualificados não têm tempo de se aperfeiçoar, porque lecionam em várias faculdades, e, às vezes, em cidades diferentes para alcançarem uma remuneração condigna; e
- c) há evidência clara do baixo padrão de qualidade técnica e expressiva, mormente em artes plásticas, onde o treinamento com modelos padronizados define a completa inadequação dos cursos aos propósitos da arte na educação. Enfim, o popularesco em oposição completa às perspectivas elitistas comuns nas escolas de melhor nível.

Outro aspecto importante a ser considerado é a necessidade de compreensão quanto à importância da dinâmica curricular voltada para uma ação integrada e movida por uma filosofia que alie educação e cultura, numa perspectiva de busca da democratização da arte e da identidade cultural. Infelizmente, como afirma Ana Mae,<sup>4</sup> comparando a situação de dependência cultural do passado com o presente, parece não haver nada mudado: "A situação hoje não é diferente. É a absoluta submissão do arte-educador a modelos importados indiferenciados".

Porém, dentro desse panorama, algo de positivo tem surgido; grande quantidade dos arte-educadores tem-se mostrado sensível e aberta às inovações, demonstrando grande interesse, altamente motivada para se engajar no processo de renovação. Os encontros, seminários, cursos, congressos que se realizam todos os anos são muito concorridos. Da mesma forma, os poucos livros que têm sido publicados sobre o assunto têm, neles, mercado certo. Essas são as formas através das quais alcançam alguma compreensão do significado artístico-pedagógico da sua área.

<sup>3</sup> READ, Herbert. *Ao diabo com la cultura*. Buenos Aires, Proyección, 1965. p. 34.

<sup>4</sup> BARBOSA, Ana Mae T. B. *Recorte e colagem: influências de John Dewey no ensino de arte no Brasil*. São Paulo, Cortez, 1982. p. 121.

Conquanto haja um clima promissor por parte dos arte-educadores, a verdade é que a escola ainda está fechada à arte-educação, tolerando, com mínimos recursos e horas de aula simbólicas, uma obrigatoriedade difícil de ser aceita. Enfim, toda a tradição preconceituosa contra a arte, como instrumento de educação e recurso para ampliar os horizontes da cultura brasileira, tem suas origens em um passado de padrões culturais importados, que pesam fortemente sobre a nossa forma de viver, mormente sobre aqueles que são encarregados de realizar a ponte entre cultura e educação: os arte-educadores.

Como conclusão, acreditamos que, a par do interesse dos órgãos públicos envolvidos, do entusiasmo de quantos se dedicam à área e crêem nas suas finalidades, às universidades cabe o principal papel na criação das principais condições para a efetivação dos propósitos da arte-educação, pelas seguintes razões:

- a) pela responsabilidade que lhes cabe quanto à formação de recursos humanos para a área;
- b) pelas condições que lhes são próprias de realizar pesquisas e produzir conhecimentos e idéias;
- c) pela sua função de estender esses conhecimentos à comunidade através de cursos de extensão e prestação de serviços; e
- d) enfim, pelo comprometimento social, político e cultural de sua ação educativa junto à Nação.

Uma mudança de mentalidade só pode ocorrer quando os propósitos e as estratégias são geradas a nível superior, por pessoas que tenham uma formação que veja a arte como parte integrada no todo da educação, participando do contexto funcional das suas finalidades.

Não se descarta, naturalmente, o interesse das próprias Secretarias de Educação e Cultura dos diversos Estados da Federação, e, nem tão pouco, de tantos outros órgãos públicos da área cultural que há muito vêm trabalhando para integrar arte e educação numa perspectiva cultural.

Reconhece-se que, através desses órgãos, muito já foi feito pela modificação da mentalidade do meio educacional e social. Todavia, reafirmamos a necessidade de que o meio universitário artístico se mobilize numa perspectiva de renovação, de engajamento com a realidade cultural brasileira, não com o propósito de introjetar nela modelos de erudição sempre prontos, mas de senti-la nos seus anseios, nas suas formas expressivas, nas suas raízes históricas, a fim de abrir caminhos para a expressividade autêntica da arte no seu reduto de vida, recriando formas, dimensionando as linguagens ao mais alto nível, como soe acontecer com a literatura e o cinema brasileiros, as duas formas de arte mais autênticas, porque voltadas para a nossa realidade.

É preciso, o quanto antes, abrir cursos de pós-graduação na área, para ampliar o quadro de arte-educadores nas universidades e faculdades isoladas, porquanto, não se justificam cursos de graduação, em Educação Artística, que perpetuem o academicismo secular, e, muito menos, o desvirtuamento da busca de democratização da arte no popularesco.

Como sempre temos afirmado, mais vale um curso de curta duração com a dinâmica pedagógica e a filosofia com que foram preparados, pela Escolinha de Arte do Brasil, os professores que sustentaram o movimento de arte-educação brasileiro, que as licenciaturas plenas em Educação Artística, totalmente desvinculadas das funções da arte na educação. A polêmica em torno dos cursos de curta duração perde o sentido, na medida em que deparamos com licenciaturas plenas nos velhos moldes dos cursos de Desenho e Plástica, que estão praticamente conduzindo os atuais cursos de Educação Artística.

Na verdade, qualquer estrutura curricular, por mais pobre que seja, se dinamizada por uma equipe que domine o significado do curso para o futuro profissional é melhor que a mais rica estrutura, conduzida por pessoal incapaz de revesti-la com a grandeza necessária.

Urge que as universidades trabalhem no sentido de, através de cursos regulares, pesquisas, extensão, descortinem possibilidades de:

- a) evidenciar, a educadores de modo geral e a arte-educadores em par-

ticular, a dimensão funcional da arte como instrumento de desenvolvimento do ser humano no contexto social e ambiental, através da expressão e comunicação artística;

- b) ressaltar a importância de uma Arte-Educação voltada para a própria realidade cultural, desde as origens às influências alienígenas, demonstrando que somente um povo que expressa autenticamente a sua realidade cultural, pode integrar-se no contexto universal da cultura;
- c) estabelecer princípios de ação metodológica que permitam, aos arte-educadores, uma ação pedagógica extensiva aos pais e à sociedade de modo geral, a fim de promover a operacionalização das funções das linguagens artísticas na educação de crianças e adolescentes, visando as finalidades da educação no seu contexto mais amplo.

Pode parecer seja nossa intenção supervalorizar o papel da universidade neste processo. Não é este o nosso propósito. Apenas reconhecemos que uma mudança de mentalidade que reverta em ação fecunda sobre a arte-educação só se alcança sistemicamente, isto é, quando todos os componentes sócio-culturais e político-econômicos interatuam de cima para baixo e de baixo para cima. A Educação Artística está sendo realizada de baixo para cima, com o peso de toda uma tradição alienígena sobre ela, começando com vícios culturais elitistas e popularescos.

É necessário que o ensino superior, aliado a pesquisas na área, comece a produzir conhecimentos com a qualidade que a nossa realidade educacional e cultural está a exigir em matéria de arte.

A arte é um componente vivo que atua nas bases da sociedade, decisivamente. É ela fator de mudança comportamental. Desconhecer sua força é ignorância. Ana Mae<sup>5</sup> assim se refere ao problema: "A ignorância e indiferença pelas necessidades reais e pelo estágio cultural do povo, junto com o desrespeito e desinteresse pelas experiências estéticas anteriores e pelos valores artísticos tidos e traduzidos pelos próprios estudantes, desde o Século XIX, têm sido a principal causa da ineficiência do ensino de arte nas escolas públicas".

Para encerrar, transcrevemos um trecho de Leepa,<sup>6</sup> onde se verifica a identidade entre a sua concepção de arte e aquela que embasa a arte-educação, esperando que, de alguma forma, possa a universidade concretizá-la. "Para ser viva, a Arte deve criar. Para isso deve explorar destemida e profundamente o significado da existência. Esta exploração não é científica ou simplesmente analítica. Mas por que exploração? A Arte, como dissemos, é uma forma de conhecimento, e como tal pode ajudar o homem a compreender o mundo — da mesma maneira que todas as formas de conhecimento. Qualquer coisa que seja importante para o homem é significativa segundo o grau em que toca no seu significado. Expandindo seu entendimento e suas experiências, o homem fornece novos *insights* e a vida se renova. A Arte oferece esta possibilidade de uma maneira extraordinária, já que pode empregar um número maior de faculdades humanas de maneira integrada e concentrada, mais do que talvez qualquer outro instrumento de conhecimento empregado. O fato de que o conhecimento oferecido pela Arte é experimentado no mesmo momento em que revela o seu significado, dá a ela a distinção de ser ao mesmo tempo uma contrapartida viva da vida e também um seu agente ativo."

<sup>5</sup> BARBOSA, Ana Mae T. B. op. cit., p. 122.

<sup>6</sup> LEEPA, Allen. Antiarte e Crítica. In: BATTCKOCK, Gregory. *A nova Arte*. São Paulo, Perspectiva, 1973. p. 175.